



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

KAIENA THYELLE MALAQUIAS DA SILVA

**ENTRE A DOR E A LIBERTAÇÃO: As escrituras como prática de cura e
resgate ancestral em *Ponciá Vicêncio***

RECIFE

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

KAIENA THYELLE MALAQUIAS DA SILVA

**ENTRE A DOR E A LIBERTAÇÃO: As escrituras como prática de cura e
resgate ancestral em *Ponciá Vicêncio***

TCC apresentado ao Curso de graduação na
Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Filosofia e Ciências Humanas, como
requisito para a obtenção do título de
licenciado em Ciências Sociais.

Orientador(a): Rui Gomes de Mattos
Mesquita

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Kaiena Thyelle Malaquias da.

ENTRE A DOR E A LIBERTAÇÃO: As escrituras como prática de
cura e resgate ancestral em Ponciá Vicêncio / Kaiena Thyelle Malaquias da
Silva. - Recife, 2025.

36 p.

Orientador(a): Rui Gomes de Mattos Mesquita

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais -
Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Escrituras. 2. Memórias. 3. Cura. 4. Ancestralidade. 5.
Decolonialidade. I. Mesquita, Rui Gomes de Mattos. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

KAIENA THYELLE MALAQUIAS DA SILVA

**ENTRE A DOR E A LIBERTAÇÃO: As escrituras como prática de cura e
resgate ancestral em *Ponciá Vicêncio***

TCC apresentado ao Curso de graduação
na Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
como requisito para a obtenção do título
de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em: 23/ 07/ 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Rui Gomes de Mattos Mesquita (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Christina Gladys de Mingareli Nogueira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Maurício Antunes Tavares (Examinador Externo)
Fundação Joaquim Nabuco

Dedico esse trabalho à minhas irmãs de sangue: Carol, Jane, Helô e Milena (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à espiritualidade e à ancestralidade que seguram minhas mãos e forjam meus caminhos desde nascença. Sem essa certeza infindável, eu não conseguiria seguir a chama da vida.

Agradeço aos meus pais, Celio e Paula, por serem responsáveis pela dádiva que é a nossa família e por sempre acreditarem em nosso potencial.

Aos meus irmãos e irmãs, minha maior riqueza: Carol, Neto, Jane, Victor e Clara, vocês são a minha primeira comunidade de afeto e de reconhecimento, se não fosse vocês ao meu lado eu desconheceria a grandeza da diversidade.

Agradeço ao meu amor, Ruy, por me apoiar nessa jornada e ser o principal ouvinte das minhas dores, descobertas, encantamentos e libertações. Obrigada pelos sentidos atentos a mim e pela companhia em busca da cura.

Agradeço às intelectuais negras que fundamentam este trabalho. Na UFPE, destaco a profa. Dra. Ana Cláudia Rodrigues, que na disciplina eletiva de Epistemologias Negras em 2023, ajudou a preparar o terreno para que este trabalho florescesse. Genuína gratidão também à profa. Dra. Christina Gladys, professora-abrigo, obrigada por ser um exemplo de profissional na área das Ciências Sociais, aprendo muito com você.

Agradeço às amigas que nesta reta final de graduação foram de grande apoio emocional para atravessar o espaço acadêmico. Em especial Marcos Gabriel, ser inestimável e amigo querido, obrigada por enxergar em mim uma potência que às vezes desconheço e por compartilhar comigo memórias e insights transformadores. Um abraço especial também para Samantha Vallentine, que esteve junto comigo e Gabriel na apresentação do livro que representou a semente deste trabalho. Isaiane Virgínia, camarada que em pouco tempo tanto me ensinou, agradeço pela cumplicidade e trocas de percepções que foram também adubo para este trabalho.

Ao meu orientador Rui Mesquita, que prontamente aceitou embarcar nesta jornada e me auxiliou a navegar nas águas-seções deste trabalho, tornando-se um grande amigo, sou grata pela escuta acolhedora e pelas visões amplas.

Agradeço os bons momentos de partilha de vida que não se restringem aos moldes coloniais de educação.

Por fim, agradeço a todas as mulheres negras que cruzam minha existência: amigas, irmãs, primas, tias, avós, vizinhas, conhecidas... Mesmo sem citar nomes, acredito que este trabalho só foi possível porque carrego parte de cada uma de vocês comigo.

“Somos povos de trajetória, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo.”. (SANTOS, 2023, p. 102).

RESUMO

Este trabalho analisa como a escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, opera como prática de cura e resgate ancestral tomando como base a obra Ponciá Vicêncio (2003). Ao acompanhar a trajetória da personagem Ponciá, marcada pelo desenraizamento e pela busca de pertencimento, investiga-se de que modo a escrita, articulada à memória coletiva, se configura como um ato de (re)existência diante de violências históricas. Metodologicamente, articulam-se a análise literária da obra aos referenciais das epistemologias negras, com ênfase nos estudos decoloniais e nas pedagogias ancestrais. Como resultado, demonstra-se que a "escrevivência" e a "escrita de nós" não apenas denunciam estruturas opressoras, mas também tecem redes de afeto, cura e reconexão com saberes subjugados. Conclui-se que a obra de Evaristo oferece um repertório crítico para pensar a escrita como tecnologia de liberdade, capaz de ressignificar traumas e reativar memórias ancestrais.

Palavras-chave: escrevivências. memórias. cura. ancestralidade. decolonialidade.

ABSTRACT

This work examines how *escrevivência*, a term coined by Conceição Evaristo, operates as a practice of healing and ancestral reclamation drawing on the novel *Ponciá Vicêncio* (2003). By tracing the trajectory of Ponciá, a character marked by displacement and the search for belonging, the study investigates how writing, intertwined with collective memory, becomes an act of (re)existence in the face of historical violence. Methodologically, it combines literary analysis of the work with frameworks from Black epistemologies, emphasizing decolonial studies and ancestral pedagogies. The results demonstrate that *escrevivência* and "*escrita de nós*" ("writing of ourselves") not only denounce oppressive structures but also weave networks of affect, healing, and reconnection with subjugated knowledges. The study concludes that Evaristo's work offers a critical repertoire for reimagining writing as a technology of freedom, one capable of resignifying trauma and reactivating ancestral memories.

Keywords: *escrevivência*. memory. healing. ancestrality. decoloniality.

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Considerações iniciais sobre a escrevivência	12
2.1	Oralidade e escrevivência: correntes da mesma existência	14
2.2	Memória e trauma na perspectiva decolonial: o que a escrevivência ressignifica?	15
3	A linguagem que costura memórias em “Ponciá Vicêncio”	18
3.1	A re(escrita) de nós como materialização da dor	19
3.2	O vazio como constatação da ferida colonial	21
3.3	O corpo-território de Ponciá e a dor inscrita na busca ancestral	23
4	Herança e pertencimento: um esboço sobre ancestralidade a partir de Ponciá Vicêncio	26
5	Conclusão	31
	Referências	

1 INTRODUÇÃO

A colonialidade, que se refere à persistência das estruturas coloniais mesmo após a independência formal dos países, não apenas impôs hierarquias raciais e espaciais, mas também moldou subjetividades de maneira profunda. Como aponta a filósofa e psicanalista Suely Rolnik (2000) em "O mal-estar na diferença", esse processo gerou uma espécie de esvaziamento ou fragmentação do ser, afetando a forma como indivíduos percebem a si mesmos e o mundo ao seu redor. Esse "mal-estar" manifesta-se na dor de existir sob um regime que, ao mesmo tempo que nega a humanidade de povos negros e indígenas, exige sua assimilação a padrões eurocêntricos de conhecimento, linguagem e memória. No Brasil, onde o mito da democracia racial silenciou violências sob o véu da mestiçagem, a ferida colonial inscreveu-se nos corpos e em histórias silenciadas.

É nesse contexto que a escrevivência, termo elaborado por Conceição Evaristo, emerge a partir de uma brecha, como uma prática de cura e resgate ancestral. Se a colonialidade nos impôs inúmeros devires a ser, a literatura de Evaristo e a prática da escrita de nós, precursorada por ela — tomando aqui a obra "Ponciá Vicêncio" (2003) como corpus —, revela que essas rasuras podem ser experimentadas em suas multiplicidades. Ponciá, protagonista desse romance de Evaristo, escapa das amarras coloniais ao caminhar em direção aos limiares de sua ancestralidade. Um gesto que não preenche o vazio, talvez nem o busque, mas o torna habitável.

Este trabalho investiga como a escrevivência, articulada à memória coletiva e às epistemologias negras, configura-se não apenas como denúncia, mas como uma tecnologia de liberdade (HOOKS, 2017). Dialogando também com o pensamento de Rolnik sobre a prática analítica aproximar-se mais da ordem de uma experimentação do inconsciente, do que de sua interpretação propriamente dita (ROLNIK, 2000, p.10), argumento que Evaristo nos apresenta não apenas um gesto literário, mas um dispositivo analítico potente para compreender experiências roubadas que buscam lugar para existir. Metodologicamente, alio a análise textual de "Ponciá Vicêncio" a referenciais decoloniais (KILOMBA, 2019; HOOKS, 2017; FANON, 2008; GLISSANT; 2008) e às pedagogias ancestrais (KRENAK, 2022; LOPES, 2011; SANTOS, 2023), demonstrando que na obra de Evaristo a cura não é apenas individual, mas coletiva, sensível e insurgente.

A motivação para este trabalho surge a partir de uma vivência na disciplina de Epistemologias Negras, cursada no segundo semestre de 2023 na Universidade Federal de Pernambuco, ministrada pela professora Dra. Ana Cláudia Rodrigues, no curso de Ciências Sociais. A experiência em questão tratou-se de um seminário de apresentação do romance para a turma. Na tríade formada por duas mulheres negras e um homem negro, membro da comunidade LGBTQIA+, compartilhamos com os demais estudantes nossas percepções e reflexões acerca do livro de Conceição Evaristo. O momento de partilha, além de caloroso, alcançou um envolvimento intelectual de todos os corpos presentes. Tornou-se, para mim, um afago, uma lembrança de aprendizagem, troca e resistência no processo acadêmico, estendendo-se em insights permanentes que encontraram neste texto espaço para existir.

Além desta introdução, o trabalho divide-se em outras três seções:

Na segunda seção, “Considerações iniciais sobre a escrevivência”, revisito a origem da escrevivência enquanto termo-conceito-prática e investigo o seu diálogo com a ferida colonial a partir dos tópicos “Oralidade e escrevivência: correntes da mesma resistência” e “Memória e trauma na perspectiva decolonial: o que a escrevivência ressignifica?”.

Na terceira seção, intitulada “A linguagem que costura memórias em Ponciá Vicêncio”, destaco e examino trechos do romance em que a prática da cura, em maneira narrativa, aparece em suas nuances. Nesta seção busco tecer correlações com as contribuições trazidas pelas epistemologias negras, decoloniais e ancestrais a partir dos tópicos: A re(escrita) de nós como materialização da dor; O vazio como constatação da ferida colonial; O corpo-território de Ponciá e a dor inscrita na busca ancestral.

Na quarta seção, busco ensejar caminhos para investigar as nuances da ancestralidade contida no romance de Evaristo.

Por fim, teço considerações conclusivas sobre esse trabalho, cuja densidade teórica revelou-se, para mim, uma prática de cura.

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A ESCRIVIVÊNCIA

Cunhado por Conceição Evaristo em 1995, o termo 'escrevivência' não surge como um conceito estático ou objetivante. Ao contrário, pode ser percebido como encantamento da realidade. Deriva de uma gíngua de vocábulos: escrever, viver, se ver, escrever vivendo... como um movimento em contínua maturação (OLIVEIRA, 2021). Seu primeiro registro público ocorreu no VI Seminário Mulher e Literatura (UFRJ), e sua potência vem se expandindo para além da literatura, tornando-se uma prática de escrita que brota da experiência concreta do sujeito.

Originalmente, a escrevivência tem em seu núcleo fundante a imagem da "Mãe preta" – ama de leite que além de amamentar e ser responsável pelos cuidados das crianças na Casa Grande, também contava "histórias para adormecer a prole" –, contudo, no processo de escrevivência, essa figura é ressignificada como estratégia para, agora, fazer a Casa Grande acordar dos "sonhos injustos" (EVARISTO, 2020, p.30). Essa virada não é apenas literária, mas política e epistemológica, uma forma de abandonar as reproduções do imperialismo (GONZALEZ, 1988), substituindo o silenciamento por uma voz ativa, abridora de mundos. Assim, mais que um conceito, é uma prática de escrita de nós que entrelaça, desde particularidades não subsumíveis às totalidades coloniais, memória coletiva e resistência.

A escrevivência evaristiana encontra caminho conjunto na proposta de Grada Kilomba, que desloca a narrativa negra do lugar de objeto para sujeito: "[...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história." (KILOMBA, 2019, p.28). No enredar descritivo das situações, tão ricas em detalhes que alimentam a existência daquele sujeito negro ora renegado, nos faz enxergar diferentes prismas que parecem devolver ao imaginário social da pessoa negra memórias que foram roubadas. Neste movimento, os personagens deixam de ser objeto sob análise do branco, para tornarem-se sujeitos dotados de história e memória, uma forma de se contrapor ao discurso colonial, chacoalhando sua diferencialidade.

Assim, ao discorrer sobre as escrevivências e seus subtextos, Evaristo (2021) a caracteriza como fenômeno diaspórico tensionado: universal em sua ressonância "humana", mas radicalmente enraizado na especificidade negra. E uma das especificidades do movimento da escrevivência a qual este trabalho se debruça é a

investigação do lugar social onde um texto nasce – o que aponta para a sua não redutibilidade a uma dimensão meramente metodológica do conceito ora analisado. De onde vem as palavras dotadas de um sentido tão particular, com vidas próprias transcorrendo nas entrelinhas para construir uma narrativa? Como elenca a precursora do termo, a escrita que pratica está ancorada no acúmulo das memórias que carrega desde a sua infância (EVARISTO, 2021), seus textos trazem à tona as conversas e os silêncios compartilhados principalmente entre as mulheres negras. “Falar e ouvir entre nós, era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos.” (EVARISTO, 2021, p. 52).

É válido ressaltar que perceber a escrevivência enquanto movimento coletivo de resistência implica reconhecer que todo texto é marcado por uma posição de enunciação (HALL, 2006). Isto significa que a análise de qualquer texto, seja ele literário ou acadêmico, há de ser compreendido dentro do contexto relacional em que é produzido: “Todos nós escrevemos e falamos a partir de um lugar e de um tempo em particular, a partir de uma história e de uma cultura que são específicas.” (HALL, 2006, p.22-23). No caso de Conceição Evaristo, os seus escritos possuem como base a vivência dos povos negros em diáspora, mas, surgem a partir da lente de sua própria experiência de vida, do seu singular processo de autorre(conhecimento) em meio às mazelas sociais enfrentadas em Minas Gerais, sendo suas personagens alquimistas auto ficcionadas, como é o caso exemplar de Maria-Nova, em *Becos da Memória* que “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros.” (EVARISTO, 2017, p. 31).

Desta maneira, torna-se indispensável para este trabalho a análise do termo-conceito a partir de sua completude e complexidade, que tanto abarca as especificidades da experiência vivida por pessoas negras – valorizando principalmente a perspectiva da mulher negra que fora historicamente silenciada – quanto emite uma mensagem forte às questões fundantes do ser humano, como a solidão, o desenraizamento e as dores causadas pelos diversos tipos de violências sociais. Faz-se necessário, pois, tomar a escrevivência enquanto um processo vivo, em curso, capaz de acolher e representar narrativas que foram ofuscadas pelo mal da história única, monocultural e monorracial, identificando-a como uma estratégia político-discursiva de resistência (FERREIRA, 2021) e nutrição de mundos.

No tópico seguinte, busco analisar as raízes orais que baseiam as palavras evaristianas, não apenas como recurso estilístico, mas como uma forma de reivindicação da palavra como cura. Ao seguir esse percurso, proponho aos leitores observar como essa oralidade dialoga com a ferida colonial.

2.1 Oralidade e escrivência: correntes da mesma existência

A colonialidade não só impôs a escrita eurocêntrica como única forma válida de conhecimento, mas também patologizou a oralidade negra, reduzindo-a a "folclore" ou "ignorância" (KILOMBA, 2019). Como bell hooks (2023) alerta, essa violência epistêmica é parte de um projeto mais amplo de desumanização, que exige, como contrapartida, práticas de autorrecuperação, isto é, processos coletivos de reescrita de si que desafiam a lógica fragmentadora do colonialismo. As narrativas da branquitude, elencadas como a história vencedora, produz uma hierarquia epistêmica que distorceu o que conta como saber legítimo, apagando e tentando apagar narrativas que emergem do corpo, da ancestralidade e da experiência negra. Nesse cenário, a oralidade se estabelece como tecnologia de reexistência (BISPO, 2023), um modo de conhecimento encarnado, que a partir da contribuição de hooks (2023) podemos associar à ideia da teoria como prática libertadora.

Ouvimos cantigas de ninar, somos atravessados por canções, tocados por pontos e giras, nos nutrimos dos encontros entre entes queridos. São esses rituais de partilha, como sugere Bispo dos Santos (2023), que tecem a "gramática do quilombo": uma epistemologia baseada na circularidade, na não mercantilização da palavra e na integração com o mundo natural. Não à toa, uma das técnicas coloniais foi separar escravizados que partilhavam a mesma língua, buscando apagar qualquer lampejo de consciência coletiva. A oralidade, portanto, aqui é tomada como ato político de preservação da memória, condição primeira que prepara o terreno para o cultivo das palavras.

Antônio Bispo dos Santos no livro 'A terra dá, a terra quer' (2023) nos ajuda a vislumbrar a ambientação de uma comunidade onde a oralidade possui um papel central:

No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão. Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer a nossa trajetória. E não contamos apenas histórias de seres

humanos, contamos também histórias de bichos: macacos, onças e passarinhos. (BISPO, 2023, p.25)

Essa prática comunitária anti-hierárquica e em diálogo com a natureza ressoa o conceito de hooks (2023) de "comunidade como espaço de cura", onde a fala coletiva restaura vínculos rompidos pela violência colonial, transformando a fala em ato político de ativação dos mananciais da vida. A escrevivência é herdeira direta dessa oralidade insurgente ao transpor para a escrita a cadência das vozes ancestrais, convertendo a página literária em espaço de reinvenção do imaginário.

Evaristo sintetiza as perspectivas com uma narrativa que opera como ponte entre a tradição oral e a escrita, revelando que ambas são faces de um mesmo continuum existencial. No tópico a seguir examino as nuances que fundamentam a busca pela cura representada na escrevivência de Evaristo, demonstrando alguns dos mecanismos epistêmicos que tentam fragmentar a memória negra, mas também as táticas sociais e literárias que a recompõem.

2.2 Memória e trauma na perspectiva decolonial: o que a escrevivência ressignifica?

A escrevivência, nos termos de Conceição Evaristo, surge como um gesto de insurgência contra o epistemicídio colonial. O sistema escravista ao violentar povos negros e indígenas não apenas impôs uma hierarquia racial, mas, fabricou um imaginário social que relegou suas narrativas ao silêncio. Diferentemente dos Estados Unidos, onde a segregação era explícita, no Brasil o racismo se naturalizou sob o mito da democracia racial – narrativa difundida dominante nos anos 1930, que romantizou a mestiçagem enquanto ocultava a violência estrutural. Essa falsa harmonia, como aponta Nei Lopes (2011) em sua "Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana", serviu ao projeto de branqueamento, transformando a dor histórica em gritos abafados: memórias fragmentadas, corpos reduzidos a estereótipos, histórias distorcidas para caber no arquivo oficial.

É nesse cenário que a literatura de Evaristo opera como meio e ferramenta de cura. Suas personagens, atravessadas por marcas do passado colonial, não são meras vítimas, mas sujeitos que constroem um ambiente narrativo onde ressignificam o trauma pelas linhas escritas. Os contornos delineados nas histórias-memórias – seja de um corpo negro violentado ou de uma ancestralidade roubada –

provocam no leitor uma interrupção: ora espanto, ora reconhecimento ou o peso do vazio. O racismo brasileiro, o caráter velado e implacável de sua ambiência, é desnudado e rachado nessa tessitura literária, que transforma o silêncio guardado em potência e a palavra em libertação.

O artigo de Leandro Missiato (2021) sobre o memoricídio das populações negras no Brasil revela como as políticas coloniais — da retirada forçada de territórios à eugenia — operaram não apenas pela violência física, mas pelo controle do imaginário. Como define Fernando Báez (2010), o memoricídio é a eliminação sistemática de patrimônios tangíveis e intangíveis que representam a resistência dos povos colonizados, reduzindo-os à condição de "homens amnésicos", vulneráveis à manipulação (apud RAMPINELLI, 2013, p.140). Essa estratégia de apagamento construiu uma identidade negra a partir da negação: negação da memória, da subjetividade, e até mesmo da ancestralidade — como atesta o banzo, uma saudade mortal dos corpos arrancados de África, que segundo Lopes (2006), no Novo Dicionário Banto no Brasil, tem origem na língua Quicongo, mbanzu: pensamento, lembrança; e no Quimbundo, mbonzo: saudade, paixão, mágoa.

Historicamente o banzo foi associado à melancolia e ao suicídio dos escravizados. Atualmente, com o avanço das discussões diaspóricas, ele pode ser relido, como proposto por Oliveira e Sampaio (2022), como um espaço de reflexão crítica sobre o trauma colonial. Longe de ser apenas um "mal sentimental", o banzo é também a ferida aberta que incita à reinvenção. Nas margens desse vazio subjetivo, onde a memória foi suprimida, surge a necessidade urgente de reescrever a história, e é aí que a escrevivência se insere, não como preenchimento passivo, mas como ato de encantamento e reexistência, como uma prática de cura.

A escrevivência, na perspectiva de Conceição Evaristo, ocupa justamente o lugar deixado pelo banzo: ela habita as lacunas do não dito, dos "entre-lugares" onde os sujeitos foram confinados. Se o memoricídio promovido pela branquitude ofuscou narrativas, a escrevivência as desvenda, transformando o silêncio imposto em palavra curativa. Aqui, a literatura não é apenas registro, mas ritual imaginativo de reconstrução — um movimento que, ao resgatar memórias fragmentadas, tece ambiências coletivas, desafiando a ordem colonial e suas políticas de esquecimento através da linguagem.

Na próxima seção examino trechos de Ponciá Vicêncio onde a escrevivência atua como tecnologia de cura, deslocando linguagens coloniais, reativando memórias e propondo futuros possíveis — três gestos que revelam o potencial libertador da palavra em Evaristo.

3 A linguagem que costura memórias em Ponciá Vicêncio

No tópico anterior discutimos o trauma do memoricídio como herança colonial, aqui analisaremos como a escrita de nós feita por Evaristo opera sua transmutação em cura, a partir de fragmentos literários. A escolha de Ponciá Vicêncio (2003) como objeto de análise não é acidental: ela nasceu de um rito acadêmico que, por si só, já era um ato decolonial. Durante a disciplina de Epistemologias Negras, no segundo semestre de 2023, eu, mais duas pessoas queridas — negras, como toda a turma — apresentamos o livro em uma das aulas, o que logo se transformou em espaço de reconhecimento. Lembro do silêncio carregado que seguia certas passagens, dos olhos marejados diante da leitura dos trechos. Era a primeira vez que eu lia um romance de Evaristo, e aquela experiência coletiva me mostrou o que a teoria já dizia: a escrevivência cura porque nos vê. Naquele dia, o texto deixou de ser apenas literatura para virar espelho onde não só Ponciá, mas todas nós, leitoras e leitores atentos, nos reconhecíamos. Esta análise, portanto, é extensão daquele momento: uma tentativa de nomear como Evaristo transforma memórias silenciadas (nossas e das personagens) em ferramentas de libertação.

Essa vivência coletiva confirma o que Kilomba (2019), Hooks (2017) e Evaristo (2003) defendem: a escrita negra é ato político de reexistência. Para entender como essa cura se materializa na linguagem, analisaremos trechos em que a escrevivência: (1) desenterra memórias silenciadas; (2) ressignifica o banzo; (3) subverte a gramática colonial.

Para fins de compreensão do leitor, a primeira edição do livro Ponciá Vicêncio foi publicada em 2003 e a que está sendo utilizada aqui é a terceira edição, lançada pela editora Pallas em 2023. Sendo o primeiro romance publicado de Conceição Evaristo, trata-se de uma narrativa fragmentada que acompanha a trajetória da protagonista Ponciá, uma mulher negra que deixa seu povoado natal em busca de uma vida melhor, mas se depara com o vazio existencial e a desestruturação identitária provocados pelo legado colonial. A obra está organizada em um fluxo não linear, mesclando passado e presente, memória e realidade, o que reflete a des(continuidade) da história negra pós-abolição. Os capítulos alternam entre as perspectivas de Ponciá, sua mãe e seu irmão, evidenciando como a violência

colonial afeta gerações distintas, mas também como a memória ancestral persiste como resistência.

A seleção dos trechos para análise é proveniente do meu próprio movimento enquanto leitora, visando articular nas próximas seções as observações do texto com o debate da escrevivência enquanto prática de cura. A escolha dessa abordagem metodológica reflete o próprio gesto decolonial de romper com a neutralidade acadêmica, assumindo que a leitura é um ato de reconhecimento e ressignificação (EVARISTO, 2017; HOOKS, 1994).

3.1 A re(escrita) de nós como materialização da dor

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era tempo de colheita e ele passava o tempo todo lá na fazenda. [...] Filho de ex-escravos, crescera numa fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia, o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? (EVARISTO, 2023, p.16-17).

O trecho acima é um arquivo do trauma: a humilhação do corpo negro reduzido a objeto. Expõe uma memória fragmentada — tanto pela passagem do tempo quanto pelo trauma — em que o pai de Ponciá é reduzido a um corpo instrumentalizado: primeiro pelo trabalho exaustivo na roça, depois pela humilhação visceral. A linguagem de Evaristo materializa a dor em sensações físicas, mostrando como o colonialismo inscreve violência nos corpos e nas relações familiares. A passagem do livro opera uma inversão de poder pela palavra: enquanto o "sinhô-moço" ri, a narrativa concentra-se no sabor amargo da subjetividade. A urina, símbolo máximo da degradação, é contrastada com as lágrimas — líquidos opostos que, na boca do pajem, tornam-se indissociáveis. Essa ambiguidade revela a complexidade do trauma, que a escrevivência se recusa a simplificar.

Aqui, uma das faces da cura pode ser percebida no ato de nomear o indizível, transformando a violência em testemunho. Ademais, Evaristo não descreve o pai de

Ponciá como vítima passiva: a própria construção da cena, com sua cadência quase poética, devolve a ele a agência de existir na linguagem. A pergunta — "Se eram livres, por que continuavam ali?" — aparece como um grito de consciência que rompe com a naturalização da submissão. A escrevivência, aqui, opera como ferramenta de cura ao nomear o absurdo da "liberdade" pós-abolição, nos revelando uma espécie de momento dualístico: um cenário de violência colonial que se inscreve e ganha seu ápice na dominação do corpo, ao mesmo tempo em que é travada uma batalha mental e espiritual que encontra espaço para existir nas vivências e memórias do pai de Ponciá.

O filósofo e psiquiatra Frantz Fanon (2008) argumenta que a verdadeira libertação das amarras coloniais, aqui entendido também como cura, requer a desconstrução das estruturas de inferioridade internalizadas no povo negro, denunciando a 'epidermização' da inferioridade (FANON, 2008, p.28). Evaristo, de maneira prática através de sua escrita, contribui com a crítica ao mostrar a boca do pajem como lugar de invasão, isto é, um espaço íntimo violado, onde urina e lágrimas se confundem. A cura, nesse sentido, começa quando a autora elenca de maneira simbólica a consciência emergindo a partir da reescrita de um momento de violência, transformando o corpo abjeto em corpo político. Essa cena descrita, somada à análise feita por Fanon, ecoa o que Grada Kilomba (2019) preconiza:

A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão de opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente, o órgão que historicamente tem sido severamente censurado. (KILOMBA, 2019, p.33).

A colaboração da intelectual portuguesa Kilomba (2019) evidencia a dinâmica entre corpo, violência e linguagem, já que para a autora o colonialismo não apenas mutila corpos, mas também sequestra narrativas. Em *Memórias da Plantação*, Kilomba lembra que o opressor não apenas comete a violência, mas controla como ela é contada — daí a importância de Evaristo reescrever a cena do pajem. Ao narrar a memória de humilhação do pai de Ponciá, a escritora subverte a cena original de violência, dando ao homem negro o poder de existir como sujeito, não como objeto. A subjetividade do pai de Ponciá, que mesmo em idade tão tenra já enfrentava escancaradamente a violência, é retificada em sua tomada de consciência precoce. Se, para Fanon, a cura exige a destruição do 'colonizado

interno', para Kilomba, ela perpassa também pela reconstrução da linguagem. No referido trecho de Ponciá Vicêncio, a escrevivência opera essa dupla libertação: enquanto expõe a ferida (FANON, 2008), ela também a costura (KILOMBA, 2019) nos tecidos coloniais em que ela se origina.

3.2 O vazio como sintoma da ferida colonial

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2023, p. 40).

Esta marcante passagem do romance é o trecho que ocupa o verso da capa da terceira edição do livro publicado pela editora Pallas. Enquanto leitora e pesquisadora, acredito que o fragmento acima foi escolhido como uma espécie de sinopse do livro pois assenta bem as potentes inquietudes contidas nesta escrevivência. O trecho descreve o vazio como 'uma grande fenda' interior e exterior, simbolizando a fratura identitária causada pelo desenraizamento de Ponciá. A dissociação entre consciência e self da protagonista, faz reverberar a alienação colonial que torna o sujeito estranho a si mesmo (KILOMBA, 2019). Neste espaço surge a grande ausência, que inicialmente assusta, mas depois acolhe: paradoxo que sugere que o vazio não é apenas perda, mas espaço de liberdade para reinvenção. É justamente no trecho acima que Ponciá passa do medo à aceitação, concatenando a constatação do vazio ao processo de autorreconhecimento.

Como a narrativa do livro não segue uma ordem cronológica, mas, os fios da memória da protagonista, o vazio como sintoma da ferida colonial aberta em Ponciá já havia aparecido na narrativa, podendo ser mais bem compreendido quando recuamos atenciosamente à decisão de Ponciá de deixar o seu povoado natal (EVARISTO, 2023, p. 30).

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2023, p.30).

O trecho narra a partida de Ponciá do povoado, movida pela certeza de que poderia "inventar uma vida nova" e romper com a lógica de opressão que mantinha sua comunidade em um ciclo de exploração. No entanto, ao se afastar de suas raízes, ela experimenta um esvaziamento existencial que a leva a questionar se valeu a pena deixar sua terra. O vazio não é apenas uma nostalgia, mas a constatação de que sua identidade estava profundamente ligada ao coletivo — e que, ao se afastar, ela perdeu parte de si. A escrevivência, como prática de escrita que registra os fios da memória, permite que esse vazio seja nomeado e, assim, confrontado. Ao narrar a angústia de Ponciá, Evaristo além de expor as feridas, as reconfiguram como possibilidade de resgate. O vazio deixa de ser apenas ausência e passa a ser um espaço de reinvenção, onde a subjetividade pode ser recomposta a partir da consciência da perda.

É possível perceber que as "certezas esvaziadas" podem aqui ser lidas como a desilusão frente às promessas não cumpridas de liberdade e prosperidade, uma crítica potente à falácia da mobilidade social em uma estrutura que continua a reproduzir violências coloniais. Essa sensação trazida no peito de Ponciá remete ao banzo experimentado pelos negros em diáspora.

O vazio, portanto, seria uma materialização invisível da ruptura imposta pelo colonialismo, que desenraiza, fragmenta e aliena. Ao descrever a imagem de Ponciá como "morta-viva" Evaristo nos chama a atenção para um ponto crucial: ela não está totalmente ausente, mas também não está plenamente viva. Esse estado liminar reflete a condição de muitos sujeitos negros diaspóricos, que precisam enfrentar o deslocamento (geográfico, cultural, identitário) para então ressignificá-lo.

3.3 O corpo-território de Ponciá e a dor inscrita na busca ancestral

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2023, p. 26-27).

Quando li esse trecho pela primeira vez, senti um choque de reconhecimento: ali estava uma experiência que eu mesma vivera, mas nunca vira nomeada. Como Ponciá, da infância à adolescência também gastei horas escrevendo meu nome repetidamente, testando grafias para ver qual se encaixava melhor com aquela mistura de consoantes e vogais. O "acento agudo como lâmina" do nome de Ponciá é uma metáfora viva, serve para materializar a violência linguística colonial, que nos força a assimilar gramáticas alheias, enquanto apaga nossas origens. Enquanto o sobrenome "Vicêncio", herdado do coronel branco, é a assinatura do dono no corpo de Ponciá, dono também de todos os seus familiares, o "Ponciá", sem história nem dono, torna-se um território de vazio. Essa dualidade, entre o nome que oprime e o nome que desaparece, revela como a língua colonizada esculpe dor na subjetividade negra. Meu espanto, ao ler Evaristo pela primeira vez, vinha justamente de encontrar, finalmente, uma linguagem para essa ferida que eu só conhecia na pele.

Ao questionar-se sobre seu nome e sua identidade, as únicas certezas da protagonista eram a sua ancestralidade e a maneira pela qual ligava-se a ela. Esta segunda certeza de Ponciá, a arte de manusear bem o barro e conseguir reproduzir seu avô igualzinho, "era uma obra de Ponciá Vicêncio, para ela mesma" (EVARISTO, 2023, p.21) que ressoa aqui como um ato de memória, uma forma de

manter viva sua ancestralidade. Ponciá encontrava nas mãos uma outra linguagem: o barro, transformava a matéria prima em arquivo ancestral. Assim como ela, muitas de nós, mulheres negras, buscamos nas mãos (na cozinha, na escrita, nos trabalhos manuais) o que a língua formal nos nega: um espaço livre para existir.

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era a herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada, e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio. (EVARISTO, 2023, p. 27).

A partir do que vem sendo debatido, percebe-se que o vazio de Ponciá não se trata de uma ausência totalmente incapacitante, mas como um território cheio de possíveis reconexões. Enquanto a colonialidade impõe a lógica de preencher as ausências com uma certeza única e inflexível, a escrevivência de Evaristo opera pelo reconhecimento ao vazio, às incertezas — uma espécie de direito à opacidade, como propõe o pensador martinicano Édouard Glissant (2008), o que faz com que Ponciá habite o mistério de seu nome sem a obrigação de decifrá-lo. Glissant (2008) lembra que a colonialidade exige transparência total, onde tudo deve ser nomeado, explicado, dominado. A escrevivência de Evaristo subverte a lógica colonial, mostrando o caráter parcial de qualquer dominação, ao reafirmar o direito à opacidade: nem tudo pode ser compreendido pelo mesmo ponto de vista.

Ler Ponciá Vicêncio além de me fazer revisitar memórias da infância, me ajudou a compreender que minha inquietação com o nome nunca foi somente sobre grafia, mas sobre a obrigação de ser “legível”. Na escrita que envolve Ponciá, Evaristo não desvenda o mistério do nome, mas o torna sagrado em sua incompletude, recusando a gramática colonial que intima transparência. Seu corpo, marcado pelo “acento agudo como lâmina”, e suas mãos, que moldam o avô no barro, apontam caminhos para refletir que a cura decolonial não está na explicação, mas na experiência sensível da linguagem. Como aponta bell hooks (2017, p. 233):

Reconhecer que através da língua nós tocamos uns nos outros parece particularmente difícil numa sociedade que gostaria de nos fazer crer que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é marca de inferioridade; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são sempre mais importantes que a língua. Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos,

tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua. (HOOKS, 2017, p.233).

A afirmação deste trecho encontra vazão na história de Ponciá quando tomamos a escrevivência (escrita de nós) enquanto uma maneira de resgate ancestral, de conexão com a comunidade. O barro nas mãos da protagonista, assim como a palavra na página da autora, são atos de toque ancestral, onde a cura se dá justamente porque a linguagem deixa de ser instrumento de dominação para virar meio de encontro. A travessia de Ponciá explicita a contradição fundante da experiência negra na diáspora: ser obrigada a habitar uma língua que a nega, mas encontrar nela (e além dela) os vestígios de uma ancestralidade que insiste em não morrer, como examinaremos a seguir.

Esta seção buscou demonstrar como a dor do nome é ressignificada pela protagonista através do diálogo com o que não está dito, mas está inscrito: no barro, no vazio, no silêncio que precede a escrita. No próximo, aprofundaremos essa topografia do inefável, explorando como Evaristo converte a ancestralidade em linguagem literária — não como reconstrução arqueológica, mas como presença viva que desafia o memoricídio.

4 Herança e pertencimento: um esboço sobre ancestralidade a partir de Ponciá Vicêncio

Após examinar as relações entre escrevivência e cura decolonial, somos conduzidos à vastidão narrativa da coletividade em Ponciá Vicêncio. Mencionou-se anteriormente a herança de Vô Vicêncio para Ponciá, mas as memórias, em sua espiralidade, transformam essa herança em algo etéreo, nebuloso como fumaça. Desde as primeiras páginas do romance, sentimos uma sombra difusa e um mistério que envolve a protagonista, não como um segredo a ser desvendado, mas como uma presença que pulsa através do tempo. Essa sensação se intensifica à medida que Ponciá é inserida no enredo coletivo: sua infância, as lembranças do pai, a convivência com a mãe, a (oni)presença de seu avô, a cumplicidade com o irmão Luandi, a sabedoria de Nêgua Kainda e até mesmo a ausência do homem cujo nome não é revelado. Todos os elementos da narrativa se entrelaçam e preenchem o vazio transbordante da memória coletiva que a sustenta.

Ponciá move-se em um fluxo temporal que não obedece a uma linearidade rígida, mas sim a uma lógica circular, como as narrativas transmitidas pela oralidade nas tradições africanas e indígenas. O romance estrutura essa não-linearidade ao transformar recordações em matéria de existência, tornando o tempo menos uma sequência de eventos e mais um território onde os vivos e os ancestrais coabitam.

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e risos. A mãe e o irmão eram sempre matéria de sua memória. (EVARISTO, 2017, p. 79).

Esse excerto explicita a relação entre memória, existência e afeto no movimento de contemplação do vazio-vida em Ponciá. A alternância entre dor e doçura nas lembranças reflete a complexidade da ancestralidade negra, que, por um lado, carrega os traumas da colonização, mas, por outro, encontra refúgio e sustento no vínculo com sua comunidade. Nesse fluxo, Ponciá não apenas recorda, mas habita o tempo como um espaço de trânsito entre passado e presente, encontrando na repetição da memória uma forma de continuidade existencial. Essa perspectiva desafia a concepção ocidental de tempo linear, pois sua lembrança não se fixa em um momento específico, mas se espalha em camadas sobrepostas que a reconectam à sua mãe e ao seu irmão, matéria essencial de seu viver.

A circunscrição da coletividade pode ser identificada facilmente em outras obras de Evaristo, visto que a noção de comunidade como rede de sustentação é um dos pilares da escrevivência (EVARISTO, 2021). No romance *Becos da Memória* (EVARISTO, 2017), e nas tessituras poéticas de *Olhos d'água* (EVARISTO, 2014), essa estrutura de pertencimento também se faz presente, demonstrando que as narrativas negras não apenas contam histórias, mas comunicam a vida através do tempo. Ao abandonar a linearidade ocidental e permitir que a memória transite sem fronteiras fixas, Evaristo constrói na ficção um exemplo de temporalidade que se aproxima das concepções originárias de tempo, onde as vidas anteriores permanecem pulsando na existência daqueles que vêm depois.

A importância de destacar essa manobra literária que faz Evaristo nos ajuda a dialogar com as práticas de autorrecuperação das mulheres negras, como trazido por hooks (1993) no livro *'Irmãs do Inhame'* traduzido para o Brasil em 2023, ao abordar especificamente questões concernentes à autocura da mulher negra e à cura coletiva. No capítulo dez da referida obra, intitulado "Doce comunhão" a autora discute a necessidade de estabelecer lugares de cura onde a noção de comunidade é resgatada e exercitada em prol do bem-estar coletivo. Esta perspectiva contribui para respaldar a potencialidade da escrevivência como uma prática de cura, visto que neste processo articulam-se memórias, afetividade e coletividade em modo ficcional ou não, quando a autoria possui um lugar seguro para que as vivências sejam expressas.

A chuva incomodava Luandi. A roupa colada em seu corpo e os sapatos molhados causavam-lhe desconforto. Estava calçado pela primeira vez. Na roça sempre andava de pés no chão. As luzes dos postes querendo tapear a escuridão da noite aborreciam profundamente o moço. Para que eu vim pra cidade? Perguntou-se entre os dentes, resmungando, como era hábito de seu pai. Para que eu vim pra cidade, se perguntou novamente. Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico. É, ele havia de ficar rico. Diziam que na cidade as pessoas trabalham muito, mas ficam ricas. E de trabalho Luandi não tinha medo. Pisou em uma poça d'água acabando por molhar os pés, mas ainda, é a barra da calça também. Sentiu uma pontada no estômago, era fome. Enfiou a mão no bolso remexendo lá no fundo. Não havia mais nada, nem uma moedinha sequer. Encostou-se ao muro e tentou abrir a mala de papelão. Não foi preciso. A mala toda encharcada foi se abrindo por si mesma. (Evaristo, 2003, p. 59).

O trecho que narra a chegada de Luandi à cidade, onde em meio ao desconforto extremo ele questiona sua ida, me afetou profundamente à primeira leitura. Reconheci-me ali, nos meus e em tantos outros que buscam nos seus pares um porto seguro. Em meio ao seu desamparo, a lembrança de Ponciá impulsiona sua jornada, evidenciando que a memória familiar opera como sustento afetivo,

mesmo na diáspora urbana. Esse trecho revela que a ancestralidade não se restringe à linhagem vertical, mas se atualiza nos laços horizontais, como na busca do irmão pela irmã.

Essa rede de cuidado entre irmãos dialoga com a noção de "comunidade como ato político" em bell hooks (2017), para quem o afeto é uma forma de resistência em um mundo que busca desumanizar corpos negros. Como afirma a autora, o amor é um ato revolucionário em contextos de opressão, e é justamente essa potência política do cuidado que sustenta a ancestralidade em Evaristo. No trecho acima, Evaristo trabalha, de maneira brilhante, as nuances e singularidades das narrativas coletivas. Ao longo do romance outros personagens surgem, alguns com maior frequência, outros menos, mas todos descritos em vida iminente como estrelas a brilhar no coração de alguém, tal como Biliza, amada de Luandi (EVARISTO, 2017, p.94). A atenção às histórias que se entrecruzam na memória de Ponciá remonta a um dos pilares da escrevivência: a escrita que advém do coletivo, como a própria precursora do termo expressa ao lembrar os gritos e chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas (EVARISTO, 2021, p.52).

A leitura, movimento ativo de apreensão do mundo, também tem importância fundamental: nas lembranças de Ponciá, reconhecemos nossos pares. A escolha do trecho acima se dá justamente porque me remeteu à experiência do meu irmão, que, em busca de "fazer dinheiro", iniciou uma jornada de imigração para terras lusófonas, enfrentando desamparos, tal qual Luandi, em busca de resoluções. A pontada no estômago que acompanha a fome, a mala encharcada que se desfaz com a chuva... todos os elementos do trecho traduzem a escassez de estabilidade e de bens materiais impostas à vida do povo negro, restando-nos apenas a crença naquilo que não se pode ver, mas sentir.

A mãe com os olhos fechados revivia outras cenas: a menina, Vô Vicêncio, a passagem dele, a passagem de seu homem, a sapiência de Nêgua Kainda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora e por enquanto soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo. E neste ir e vir, Ponciá voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para as águas-mãe. A filha nunca lhe coube, nem no tempo em que estava prenhe dela. Maria Vicêncio se lembrou do primeiro sinal recebido de que a menina não era de sua pertença. Fez do acontecido um assunto calado, guardado só para si.

[...]

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela, no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só

a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou; o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver. (EVARISTO, 2017, p.107-108).

Os últimos trechos selecionados para a análise tratam da constatação da dimensão ancestral na obra de Evaristo. Uma espécie de retorno ao início, como um Ourobouro. Maria Vicêncio rememora que sua filha nunca lhe pertenceu completamente, pois Ponciá esteve desde sempre conectada a algo maior: a memória dos ancestrais, a terra dos negros e as águas-mãe. O enredo nos revela uma chave analítica para enxergar a relação com a terra como algo vital na existência humana, como preconiza hooks (2023): “Quando a terra é sagrada para nós, nosso corpo também pode ser sagrado para nós.” (HOOKS, 2023, p.211).

A ideia de parentesco e retorno para com as águas traz também a reflexão sobre a continuidade e indissociabilidade da vida para além dos aspectos humanos, o que vai ao encontro das contribuições trazidas pelo filósofo originário Ailton Krenak (2022), que dentre seus sábios ensinamentos nos fala que o futuro é ancestral. No livro homônimo à frase, o autor estimula nossos sentidos acerca da necessidade de cultivar um ‘coração no ritmo da terra’, o que envolve se realizar no campo da subjetividade por meio das fricções com a vida (p.116). A própria trajetória de Ponciá nos sugere que a vida não é apenas individual, mas parte de um ciclo contínuo de pertencimento e reconexão com suas raízes.

Na tradição africana e indígena, o tempo não avança como uma linha reta, mas pulsa como um movimento circular, onde passado, presente e futuro coexistem e se influenciam mutuamente. A cada momento de lembrança, Ponciá reinscreve as suas memórias na história, transita entre tempos distintos. Essa fluidez temporal também se relaciona com o já debatido no tópico sobre oralidade, elemento central na construção da escrevivência de Conceição Evaristo. Assim como na tradição oral africana, onde os griots guardam e transmitem histórias como parte da identidade coletiva, Ponciá carrega no corpo e na memória os ecos daqueles que vieram antes dela. A subjetividade do sujeito negro, representada aqui por Ponciá, encontra nesse retorno à ancestralidade um ato de continuidade, reforçando que a diáspora não é apenas um deslocamento, mas um movimento de recodificação da identidade.

Por fim, a recondução de Ponciá à beira do rio representa a concretização desse retorno às raízes, um movimento que não é apenas físico, mas espiritual e

identitário. Assim como Krenak (2022) defende a necessidade de resgatar os saberes ancestrais para garantir um futuro mais harmonioso, Evaristo nos mostra que a jornada de Ponciá é, na verdade, um reencontro com sua essência, com aquilo que sempre esteve presente, mas que precisou ser redescoberto. Dessa forma, os autores conversam na ideia de que o futuro não pode ser pensado sem a ancestralidade, pois é nela que está a sustentação da existência.

O destaque para a temática da ancestralidade no escopo literário faz-se como ato político-espiritual que reconecta as mulheres negras a uma rede de saberes interrompidos pela violência colonial. A dimensão espiritual cultivada por Evaristo em Ponciá Vicêncio configura-se como prática de cura coletiva, um contra-arquivo (KILOMBA, 2019) do que foi sistematicamente apagado. Como afirma bell hooks (2023, p. 221), 'Na solidariedade espiritual, as mulheres negras têm o potencial de ser uma comunidade de fé que age coletivamente para transformar nosso mundo'. Longe de ser um refúgio passivo, a espiritualidade negra é tecnologia de liberdade (HOOKS, 2017), pois reorganiza o simbólico e reivindica o direito de imaginar futuros para além do epistemicídio.

5 CONCLUSÕES

O plano de fundo para a conclusão deste trabalho ancora-se na dimensão pessoal da experiência de leitura e pesquisa sobre a obra, fato que evidencia a experiência subjetiva como possível chave metodológica e epistêmica. Enquanto lia Ponciá Vicêncio, algo em mim se movia no tempo: resgatei imagens de quem fui, sinapses de quem sou no momento e o papel fundamental da ancestralidade nessa jornada de seguir adiante, até onde for preciso, para existir. Esse movimento interno de resgate não é narcísico, mas dialético, conforme hooks (2017) ensina, a autorrevelação das mulheres negras é sempre um ato político quando feita contra arquivos que as apagam.

Além disso, a carência de pesquisas que deem continuidade aos saberes produzidos por essas mulheres no âmbito acadêmico revela uma violência epistêmica ainda atual. Ao identificar na escrevivência de Evaristo um profundo sentimento que não era apenas literário, mas ético e político, vi brotar em mim a semente da esperança que enxerga, valoriza e busca reverberar o trabalho constante das mulheres negras na sociedade brasileira.

O objetivo deste trabalho, ao aprofundar a leitura de Evaristo e articular sua narrativa com a análise teórica e social dos elementos fundantes da obra, confere a ela um olhar ainda mais atento às questões da autorrecuperação da mulher negra. As feridas expostas no romance dialogam com uma cartografia do transumano, referindo-se também ao tempo, aos elementos não-discursivos, ao indizível, ativando memórias que incidem luz sobre a possibilidade de cura. Importa destacar que a noção de cura aqui não se reduz ao individual, mas se inscreve na proposta rolnikiana da prática analítica como experimentação do inconsciente (ROLNIK, 2000): um caminho em que as escrevivências (escritas de nós) transformam-se em ferramentas para analisar trajetórias, conferindo existência plena em meio ao mal-estar colonial da pós-modernidade.

Nesse sentido, a conclusão que aqui se delineia afirma também um desejo político de vida. Alongar os instantes de liberdade que irrompem nas brechas do vazio contemporâneo torna-se um ato de reinvenção existencial, especialmente quando se tratam de mulheres cujas vivências foram sistematicamente silenciadas pela história. Assumir a vida como objeto de estudo e ato narrativo revela-se, portanto, um direito, um imperativo ético e um caminho de emancipação: uma

transgressão necessária contra as estruturas jurídico-educacionais que insistem em apagar determinadas corporeidades e memórias.

A reflexão de Antônio Bispo dos Santos (2023) sobre a urgência de “contracolonizar a estrutura organizativa” lança luz sobre o gesto potente de Conceição Evaristo, que realiza uma espécie de alquimia do saber: transforma lembranças silenciadas em instrumentos de questionamento e desconstrução do legado colonial. Porém, é necessário se atentar às armadilhas que tentam esvaziar a força política da escrevivência, tratando-a como identidade performática ou tendência acadêmica passageira. Esse esvaziamento apaga sua vocação subversiva, sua capacidade de reordenar as regras impostas, inclusive aquelas que moldam as linguagens do poder. Como o próprio Nego Bispo adverte: “contracolonizar não é folclorizar”.

Aqui, vale recordar o caso marcante de Carolina Maria de Jesus, que nos anos 1960 ganhou projeção com a publicação de *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Seu livro, de escrita potente e perspectiva social reveladora, foi lido mais como uma curiosidade etnográfica do que como uma crítica social incisiva, um sinal de como o sistema literário e social consegue absorver vozes incômodas suavizando seu impacto ao tratá-las como algo exótico. Durante muito tempo, sua escrita foi confinada à condição de “relato de favela”, sendo negado à sua literatura o lugar de arte literária criativa e politicamente engajada, com muitos ainda duvidando do seu ofício de escritora.

Reconheço, no entanto, que esta reflexão, embora movida por compromisso ético e político, ainda permanece circunscrita ao universo discursivo. A materialidade das violências aqui descritas exige tradução em ação concreta: desde a sub-representação em cargos de direção política até a lógica extrativista que transforma teses sobre autoras periféricas em capital acadêmico, sem beneficiar suas comunidades de origem.

Que este trabalho, ao reivindicar a memória como lugar metodológico e a escrevivência como prática de cura e resgate ancestral, sirva também como uma convocação por um fazer acadêmico mais comprometido com a escuta e a organicidade da vida. Que ler, escrever e lembrar continuem sendo práticas de cura coletiva e insurgência contra as violências do esquecimento.

REFERÊNCIAS

- DE OLIVEIRA, Marcelo de Jesus.; DE CAMARGO SAMPAIO, Juliano Casimiro.; SILVA, Olívia Aparecida. **Entre e para além da literatura**: um estudo da noção 'escrevivência', de Conceição Evaristo. *Nau Literária*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 166–194, 2021. DOI: 10.22456/1981-4526.110421. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 48-54.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta; ARAÚJO, Luísa Consentino de; RODRIGUES, Maria Luiza Simplicio; CÂMARA, Yanca Abreu. **A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência**: Uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em "Olhos d'água". *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 251–261, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.2.40482. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/40482>. Acesso em: 10 out. 2024.
- GLISSANT, Édouard; COSTA, Keila Prado; DE TOLEDO GROKE, Henrique. **Pela opacidade**. *Revista Criação & Crítica*, n. 1, p. 53-55, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.
- _____. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- _____. **Irmãs do Inhamé: Mulheres negras e autorrecuperação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MISSIATTO, Leandro. A. F. **Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento**. Revista Memória em Rede, v. 13, n. 24, p. 252–273, 15 jan. 2021.

RAMPINELLI, W. J. **Um genocídio, um etnocídio e um memoricídio praticados contra os povos latino-americanos**. Lutas Sociais, v. 17, n. 30, p. 139–142, 1 jul. 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SCHUALTZ, Juliano Lima; FERREIRA, Bruna Gonçalves. **Perspectivas cruzadas: colonialismo, trauma e linguagem em Frantz Fanon e Grada Kilomba**. Revista Vernáculo, [S. l.], n. 51, 2023. DOI: 10.5380/rv.v0i51.84562. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/84562>. Acesso em: 1 abr. 2025.